

Solidariedade no trabalho

Os olhos amendoados, cheios de água, denunciavam a emoção contida da adolescente de 15 anos. Juntamente com as amigas Regiane Pereira da Costa e Gabrielle Oliveira Almeida, Priscila acompanhou atenta, na semana passada, o ato que marcou o início da marcha do último grupo do movimento dos sem-terra no Distrito Federal, na área externa da paróquia Bom Jesus do Migrante, em Sobradinho.

As três amigas, estudantes do 1º ano do Segundo Grau do Ginásio Educacional nº 1, chegaram ao local assim, meio acanhadas, com a missão de desvendar o tema “Politização e educação”. O trabalho foi sugerido pela professora de matemática Adriana.

Do acanhamento no primeiro contato com os líderes do movimento, as estudantes se emocionaram com as explicações dos próprios sem-terra. Saíram de lá, não só convencidas de que a causa é justa como é importante que os demais estudantes prestem solidariedade aos manifestantes.

Gabrielle ficou impressionada ao encontrar uma professora no grupo dos sem-terra. “Mas ela só tinha estudado até a oitava série”, explicou. “Também me emocionei quando ouvi de uma sem-terra que o livro era um objeto morto, porque eles aprendiam com a própria realidade deles”, complementou.

Para as três alunas, o dever de casa virou lição de vida. Depois de se inteirarem sobre o movimento Priscila, Regiane e Gabrielle já queriam convencer os colegas a visitarem os sem-terra. “Eles são humildes, mas sabem o que querem. Todo mundo devia conhecê-los”, explicou Gabrielle.